



## O FUTEBOL NA CHINA COMO A CONTINUAÇÃO DA POLÍTICA POR OUTROS MEIOS: DA SUBIDA NAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR AO PROJETO DE SOFT POWER

**Bruno Hendler**

Doutor em Economia Política Internacional pela UFRJ e Professor Adjunto do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria  
[bruno\\_hendler@hotmail.com](mailto:bruno_hendler@hotmail.com)

**Daniel Sander**

Bacharel em Economia pela UFRJ  
[danielsanderc@gmail.com](mailto:danielsanderc@gmail.com)

**Lucas Costa**

Bacharel em Economia pela UFRJ e mestrando em Economia pela UFRJ  
[lucas.an.costa@gmail.com](mailto:lucas.an.costa@gmail.com)

**Resumo:** A hipótese central deste trabalho é que a subida da China nas cadeias globais de valor (CGV) do mundo do futebol é uma variável dependente (resultante) de duas variáveis independentes: i) ela segue as linhas gerais da inserção econômica internacional do país, que tem apresentado indicadores notáveis de agregação de valor e fortalecimento de marcas nacionais com forte dirigismo do governo; e ii) este processo faz parte de um projeto de Estado que visa utilizar do futebol como ferramenta de *soft power* no plano internacional. Após compreender a correlação entre esses processos, a parte final do artigo dedica-se a apontar os desafios e possibilidades para o desenvolvimento do futebol na China no longo prazo.

**Palavras-chave:** China. Economia do futebol. Cadeias globais de valor. Soft power.

## SOCCER IN CHINA AS THE CONTINUATION OF POLITICS BY OTHER MEANS: FROM THE RISE IN THE GLOBAL VALUE CHAINS TO THE SOFT POWER PROJECT

**Abstract:** The central hypothesis of this work is that China's rise in the global value chains (GVC's) of the world of soccer is a dependent variable (resultant) of the following two independent variables: i) it follows the general pattern of the country's international economic insertion, which presents notable indicators of value added and the strengthening of national brands with strong government support; and ii) this process is part of a state project that aims to use soccer as a tool of soft power at the international level. By analyzing the correlation between these processes, the final part of the article is dedicated to point out the challenges and possibilities for the development of soccer in China in the long run.

**Keywords:** China. Soccer Economy. Global Value Chains. Soft power.

## INTRODUÇÃO

Em 2008, a China sediou pela primeira os Jogos Olímpicos de Verão e, ao conquistar 51 medalhas de ouro, superou a hegemonia americana pela primeira vez na história. Em 2015, Pequim foi selecionada a cidade sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2022, mesmo não tendo tradição em esportes de inverno, vide os medíocres resultados em versões anteriores do evento. Em 2016, o governo chinês e Associação Chinesa de Futebol (CFA) lançaram o “Plano de Desenvolvimento do Futebol a Médio e Longo Prazo”, visando três objetivos: voltar a participar de uma Copa do Mundo, sediar uma Copa do Mundo e conquistar uma Copa do Mundo até 2050.

Apesar do considerável sucesso em esportes olímpicos – principalmente após o investimento e o planejamento característico dos anos 90 em diante –, a China nunca se revelou uma potência no futebol. Sua única participação em Copa do Mundo, em 2002, rendeu a vergonhosa campanha em que sofreu nove gols e não marcou nenhum em três partidas disputadas, sendo eliminada na primeira fase. Em 2013, uma derrota por 5 a 1 para a fraca seleção da Tailândia em território chinês desacreditou mais ainda a seleção chinesa. Porém, a partir de 2015, o pesado investimento na transferência de jogadores chama a atenção da mídia especializada em todo o mundo, na iminência da formação de um mercado concorrente, se não em competitividade, pelo menos em valores, com as maiores ligas europeias e sul-americanas.

A hipótese central deste trabalho é que a subida da China nas cadeias globais de valor (CGV) do mundo do futebol é uma variável dependente (resultante) de duas variáveis independentes: i) ela segue as linhas gerais da inserção econômica internacional do país, que tem apresentado indicadores notáveis de agregação de valor e fortalecimento de marcas nacionais com forte dirigismo do governo; e ii) este processo faz parte de um projeto de Estado que visa utilizar do futebol como ferramenta de *soft power* no plano internacional.

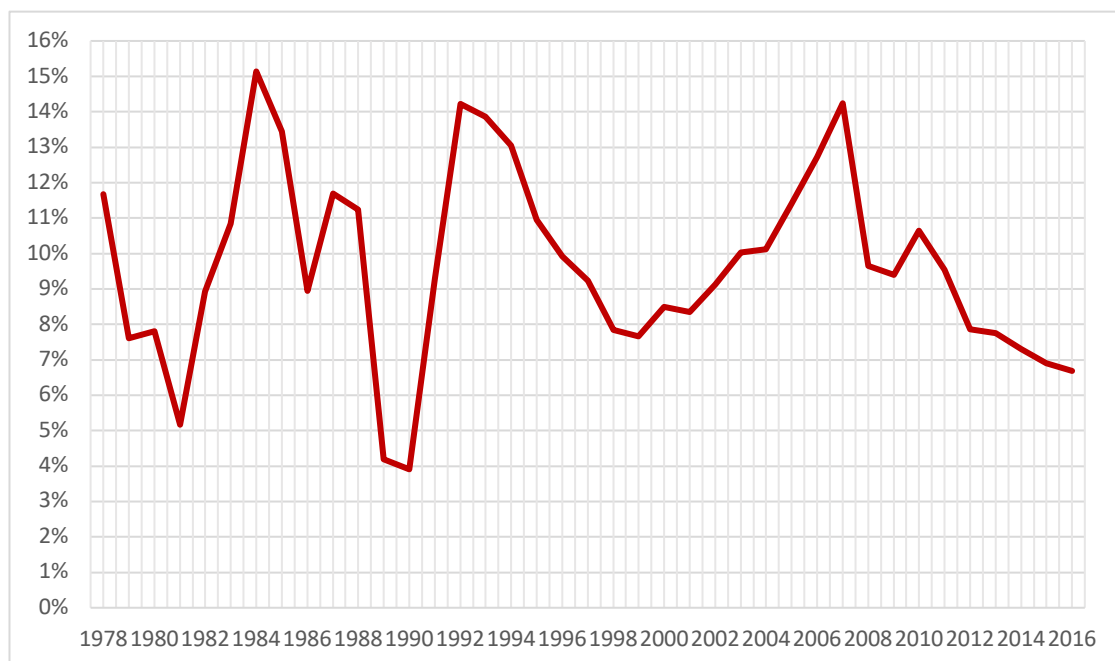
Para verificar a correlação entre essas variáveis, o artigo está dividido em cinco seções além da introdução. Na primeira, traça-se o marco geral da ascensão econômica da China na última década, com ênfase na transição para um novo regime de acumulação com menor taxa de crescimento e mais voltado para inovações e estímulo ao mercado interno. Na segunda, faz-se um breve histórico do uso do *soft*

*power* pelo Estado chinês, do sistema sinocêntrico pré-moderno, passando pelo maoísmo, até os dias de hoje. A terceira seção aborda as mudanças do futebol na China em diálogo com o primeiro tópico, isto é, como reflexo da ascensão do país nas CGV por meio de mecanismos de dirigismo estatal. A quarta seção traz um debate final sobre os desafios e possibilidades do desenvolvimento do esporte na China, inclusive como ferramenta de *soft power*, verificando a validade da hipótese central. Por fim, a quinta e última seção apresenta algumas considerações finais.

## **O CRESCIMENTO ECONÔMICO CHINÊS E A TRANSIÇÃO ENTRE REGIMES DE ACUMULAÇÃO**

A China protagonizou o maior crescimento econômico do mundo em um período de quase três décadas. As altas taxas de crescimento do PIB, em torno de 10% ao ano, colocaram o PIB real chinês, em 2005, em um patamar de, aproximadamente, 12 vezes o PIB real de 1978, quando Deng Xiaoping colocou a China no caminho da reforma econômica (LARDY, 2016). Após o ápice da taxa de crescimento do PIB, que atingiu incríveis 14,2% em 2007, o crescimento econômico chinês desacelerou, chegando a uma taxa de 7,4% em 2014 (Gráfico 1) (IZZO; BELPASSI, 2018).

**Gráfico 1: Taxa de Crescimento Anual do PIB da China. 1978-2016.**



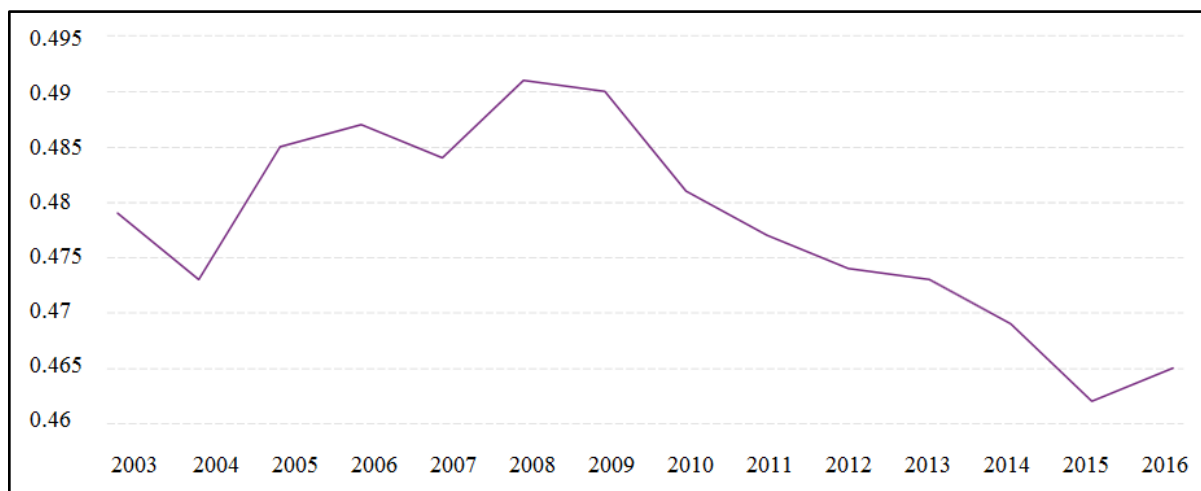
Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do Banco Mundial (2018).

Apesar de diversos autores afirmarem que a China teria tido um “crescimento guiado pelas exportações”, Medeiros e Cintra (2015) afirmam que o enorme crescimento chinês dos anos 2000 foi impulsionado, sobretudo, pelos investimentos em setores intensivos em capital e em infraestrutura, resultante de um intenso processo de urbanização, a partir da década de 90. A enorme migração rural-urbana “arrastou o investimento na indústria pesada ‘ferro, aço, cimento, alumínio, vidro e química’ num amplo processo de substituição de importações e também de rápida diversificação das exportações” (MEDEIROS, 2010).

Todavia, após a crise econômica de 2008 – e com seu agravamento em 2011, em especial na União Europeia, tornou-se evidente a dificuldade de se manter as grandes taxas de crescimento econômico vistas até 2007. Diante de um contexto de forte retração da demanda mundial e da demanda interna, o *investment-led growth* resultou em um forte crescimento da capacidade ociosa em diversos setores industriais chineses (CINTRA; PINTO, 2017), o que acelerou as mudanças para uma estratégia de crescimento menos dependente dos investimentos (HIRATUKA, 2018).

A nova estratégia chinesa de crescimento consiste, portanto, em: (i) estabilizar a taxa de crescimento do PIB em um nível reduzido, com média de 6,5% ao ano entre 2016 e 2020 – chamado de “nova normal”; (ii) substituir o *investment-led growth* por um crescimento guiado, principalmente, pelas inovações e pelo consumo doméstico; (iii) absorver maior valor adicionado na produção – subida nas cadeias globais de valor; (iv) reduzir as desigualdades regionais e rural-urbana; (v) continuar a redução da pobreza; e (v) estender dos sistemas de inclusão social com serviços públicos que abrangem toda a população (HIRATUKA, 2018; NOGUEIRA, 2018b; CHINA DAILY, 2017; AGLIETTA; BAI, 2016).

É consenso na literatura que o crescimento econômico chinês até 2007 tornou o país mais desigual (gráfico 2), como consequência de diversos fatores (NOGUEIRA, 2018a; GUSTAFSSON, SHI; SATO 2014). Destacam-se alguns destes fatores: o enorme aumento da disparidade rural-urbana, políticas que priorizaram a atividade econômica em zonas específicas – principalmente na costa chinesa –, a precarização do sistema de proteção social – sobretudo no campo, com a dissolução das comunas e da privatização de empresas estatais –, o surgimento de uma burguesia chinesa junto ao surgimento de uma classe trabalhadora muito explorada, entre outros (NOGUEIRA, 2018a; CHANG, 2012; MEDEIROS, 2010).

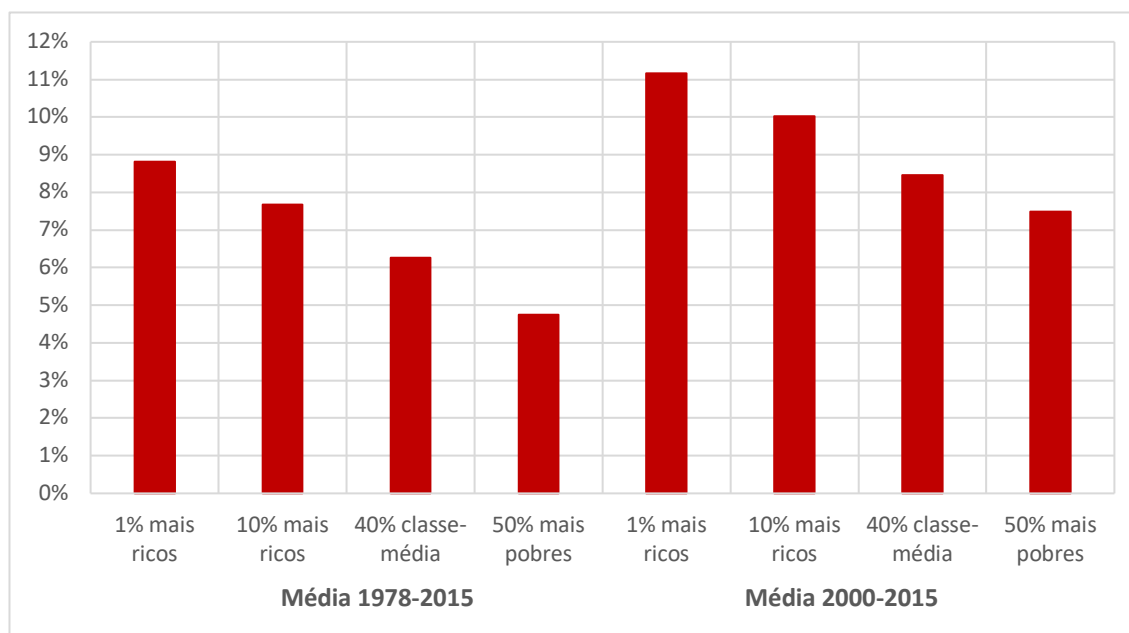
**Gráfico 2: Índice de Gini Chinês, 2003-2016.**

Fonte: National Bureau of Statistics (China) e CEIC.

Entretanto, Nogueira (2018a) afirma que também é consenso que, simultaneamente ao aumento da desigualdade, houve uma melhora na qualidade de vida dos mais pobres. A renda da metade mais pobre da China cresceu, em média, 4,7% ao ano, entre 1978 e 2015. “Isso é metade da taxa dos 1% mais ricos, mas ainda é uma mudança significativa em termos de condição de vida” (NOGUEIRA, 2018a). Esse crescimento torna-se ainda mais relevante se analisado o período 2000-2015 (uma média de 7,5% anuais) e se comparado com as mesmas estatísticas para os EUA (gráfico 3). Além disso, a China conseguiu aumentar sua renda per capita em um curto período, mesmo com uma população superior a um bilhão de pessoas (HIRATUKA, 2018).

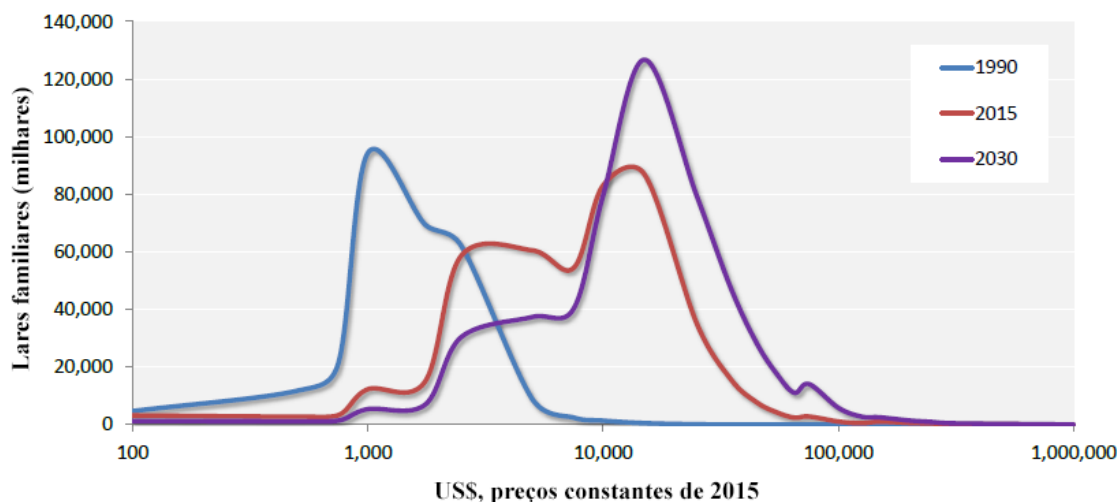


**Gráfico 3: Taxa de Crescimento Média da Renda Real por Adulto na China, 1978-2015 e 2000-2015.**



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do World Wealth & Income Database (WID.world).

Com o aumento da renda per capita e a nova estratégia de crescimento baseada no consumo doméstico, a renda familiar aumentou consideravelmente – e tende a aumentar ainda mais – e as famílias de classe média tiveram um inédito fortalecimento do seu poder econômico. Espera-se que com a tendência de aumento da renda familiar na China – como mostra o gráfico 4, até 2030 a classe média chinesa deve ser ainda mais relevante – crie novos padrões de consumo, onde os bens básicos tenham cada vez menos relevância (HIRATUKA, 2018; IZZO; Belpassi, 2018; DURNIN, 2017).

**Gráfico 4: Distribuição da Renda Familiar Anual na China.**

Fonte: Euromonitor apud Durnin (2017)

Segundo Nogueira (2015), a China, no começo dos anos 2000, já havia tomado uma posição relevante nas cadeias globais de produção, em consequência, principalmente, dos baixos custos de produção associados à escala de produção, à infraestrutura produtiva e pelo grau de exploração do trabalho permitido no país. Entretanto, a autora reforça que a inserção chinesa nas cadeias globais de produção não se limitou apenas à montagem, sem progresso técnico, de bens consumidos externamente. Na última década, a pauta exportadora chinesa tornou-se mais sofisticada e passou a agregar mais valor domesticamente (NOGUEIRA, 2012), tendo o valor adicionado das exportações totais aumentado de 54%, tanto em 1997 quanto em 2002, para 60,6% em 2007 (KOOPTMAN, WAND; WE, 2012 apud NOGUEIRA, 2012).

O processo chinês de subida nas cadeias globais de valor (CGV) está fortemente associado a um planejamento estatal, que incentivou a formação de firmas líderes em setores estratégicos e, recentemente, com a nova estratégia de acumulação, passou a focar na construção de uma base nacional de inovação “que permita às empresas nacionais deter a propriedade intelectual dos produtos e serviços comercializados nas cadeias globais” (NOGUEIRA, 2015). A autora destaca quatro principais políticas industriais de incentivo à subida nas CGV adotadas pelo governo chinês: (i) regulação do investimento estrangeiro direto (IED), criando condicionalidades tais como obrigatoriedade de formação de *joint-ventures* e transferência de tecnologia para o

Estado chinês; (ii) políticas de ciência, tecnologia e inovação, como planos de promoção da propriedade intelectual, tecnologia e padrões domésticos; (iii) políticas de compras públicas para promover firmas nacionais em setores intensivos em tecnologia; e (iv) estrito controle do sistema financeiro pelo Estado.

## **O *SOFT POWER* CHINÊS DO PERÍODO IMPERIAL AO SÉCULO XXI**

Segundo Joseph Nye (2012), “poder é a habilidade de influenciar outros a atingir os resultados que você deseja, que pode ser exercida através de coerção, pagamento ou atração”. Estas três formas de exercer poder podem ser identificadas no contexto internacional, sendo a coerção exercida através de forças militares (Estados Unidos como grande ator), o pagamento exercido através do poder econômico (União Europeia como um dos principais atores) e a atração exercida através do poder sutil de persuasão, influência e submissão de outros países, através de sua cultura e ideologia (DUARTE, 2012).

Joseph Nye (2004) também distinguiu a coerção, o pagamento e a atração em duas principais categorias: *hard power* e *soft power*. Enquanto as duas primeiras formas de exercer poder se enquadram na categoria de *hard power*, por serem mais “brutas”, a última, muitas vezes negligenciada pelos governantes (DUARTE, 2012), é, por sua vez, uma forma mais sutil, denominada de *soft power*. “Um país pode conseguir os resultados que quiser em termos de política internacional porque outros países – admirando seus valores, emulando seu exemplo e aspirando ao seu nível de prosperidade – vão querer segui-lo” (NYE, 2004).

A importância do *soft power* para países que planejam “dominar” outros está cada vez maior. J. Nye enfatiza que as democracias se preocupam mais com o bem-estar do que a glória. Mesmo que isso não signifique o fim dos conflitos, a guerra é “muito menos ‘aceitável’ hoje do que era há um século, ou mesmo meio século” (STRUYE, 2010 apud DUARTE, 2012). Entretanto, Giulianotti (2015) alerta para a possibilidade de a tentativa de acumular *soft power* perturbar ou ofender outros países. Nesse caso, haveria um efeito reverso chamado de *soft disempowerment*. “*Soft disempowerment* pode ocorrer quando a tentativa de obter *soft power* produz efeitos negativos, de forma que a influência e o prestígio são enfraquecidos ao invés de aumentados” (GIULIANOTTI, 2015, p. 7).



Ao longo de sua fase imperial, a China exerceu uma espécie de *soft power* sobre seus vizinhos a partir da narrativa confuciana de “império do meio” (ideia de superioridade no mundo que transbordava para as outras nações). Segundo Spence (1995, p. 130), “esses países vizinhos compartilhavam de muitos dos valores básicos da cultura chinesa, [...], da prática do confucionismo e do budismo e, em linhas gerais, do mesmo tipo de organização burocrática que o chinês”.

Na tentativa de moldar comportamentos desses Estados sem incorrer em gastos militares excessivos, o império chinês exercia sua superioridade por meio do chamado Sistema Sinocêntrico: um sistema centrado na China, em que se esperava que os territórios vizinhos reconhecessem sua superioridade cultural através de presentes (tributos) dados ao imperador chinês, prostrações rituais diante deste e da adoção de uma linguagem de submissão nos documentos diplomáticos. Em troca, esses Estados eram reconhecidos como parte do Sistema Sinocêntrico, ganhando o direito de comercializar determinados bens e, ainda, recebendo proteção militar por parte do império chinês (SPENCE, 1995).

Segundo David Kang (2010, p. 2), o sistema funcionaria pela atuação da China como um *hegemon* calcado na mescla entre a matriz simbólica de sua “autoridade legitimada” e a sua superioridade material (poder militar e poder econômico). Essa ordem seria formalmente desigual, mas igualitária na prática, ou seja, não era permitido aos Estados menores se reconhecerem como iguais à China, mas eles dispunham de muita autonomia para interagir entre si e com povos não sinicizados (KANG, 2010, p. 2).

Esse sistema também tinha uma faceta interna: o fluxo de líderes estrangeiros recebidos pela corte chinesa era visto como sinal de sabedoria e prestígio. Por meio do ritual de submissão, o *kowtow*, o imperador reforçava sua posição central na narrativa confuciana de “mandato dos céus”, legitimava-se perante seus súditos como líder supremo e reforçava a supremacia da civilização chinesa perante as demais (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006).

Se houve um excedente de *soft power* nas dinastias Tang, Song, Yuan e Ming (do século X ao XVIII), a parte final da dinastia Qing (1644-1911), por exemplo, sofreu duríssimas consequências decorrentes do *soft disempowerment*. Primeiro com a recusa do chefe da missão inglesa, Lord Macartney, de prostrar-se perante o Imperador Qianlong em 1793 e depois com a Guerra do Ópio e o Tratado de Nanjing,

em 1839-42, o Império Chinês entrou no período conhecido como “século da humilhação” (1839-1949) em que a supremacia de poder duro e sutil do sistema sinocêntrico esfacelou-se junto com sua própria soberania diante do imperialismo ocidental e japonês (SPENCE, 2015). Somente após a Revolução Chinesa, em 1949, que o *soft power* voltou a fazer parte do planejamento do Estado. E nesse contexto, a China passou a utilizar da “sovietização dos esportes” como ferramenta de relações internacionais para estabelecer contato com os países do leste europeu, na década de 1950 (LEITE JÚNIOR; RODRIGUES, 2017).

Nas últimas décadas, a China tem buscado impulsionar seu *soft power* pelo mundo, principalmente em decorrência do enfraquecimento do *soft power* americano (DUARTE, 2012). Para Edward Luttwak (2012, p. 29) a ritualística e a pompa do antigo sistema tributário chinês são replicadas na atual diplomacia bilateral de Beijing de forma consciente e calculada. O ar de oficialidade dado a cada chefe-de-estado ou enviado estrangeiro deixa clara a assimetria entre anfitrião e convidado. Muitos chegam sem qualquer tema específico a ser tratado, o que é contornado pela abundância de cerimônias, banquetes e troca de presentes. Para Luttwak, o tempo gasto por políticos chineses de alto escalão para receber líderes de Kiribati, Vanuatu, Uruguai, Letônia, Burundi, entre outros, por exemplo, nunca se repetiria na Casa Branca (Ibidem).

Essa roupagem moderna do “Ministério dos Rituais” não atende apenas ao público externo. A cobertura da mídia chinesa para o público doméstico também tem a função de legitimar a autoridade do Partido Comunista. Assim como as missões tributárias do passado viajavam em procissão à capital do Império Chinês para prestar o *kowtow*, hoje há uma infinidade de missões diplomáticas, muitas vezes financiadas pela própria China, que se dirigem a Beijing para prestar o *kowtow* moderno de fotos, banquetes e conversas nem sempre tão importantes. Segundo Luttwak (Idem, p. 30), a população tende a se impressionar com a variedade exótica de líderes estrangeiros que viajam até a China, o que é explorado pela mídia oficial para retratar os políticos chineses como figuras demandadas por sua sabedoria, sagacidade e benevolência. Algo muito próximo do simbolismo confuciano do poder dos imperadores chineses.



## **O FUTEBOL NA CHINA**

O futebol tem suas raízes mais antigas no *cuju* (“chutar a bola”, em chinês), jogo desenvolvido durante a Dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.), que entra em declínio durante a dinastia Qing (1644-1911) (SIMONS, 2008 apud LEITE JÚNIOR; RODRIGUES, 2017). Porém, a origem chinesa do futebol – reconhecida pela própria FIFA – não se revelou fator importante no desenvolvimento do esporte no país: a China, em 2002, na única participação em Copas do Mundo, não marcou nenhum gol e levou nove gols em três partidas disputadas. Apesar da inexpressividade do futebol asiático, a China sequer conquistou um título da Copa das Nações Asiáticas (torneio continental das nações asiáticas) e só conquistou três títulos em 36 edições da Liga dos Campeões da Ásia (torneio com os principais clubes asiáticos).

A baixa competitividade do futebol chinês até o início dos anos 90, refletida nos péssimos resultados nos jogos classificatórios para as Olimpíadas de 1992, deixou evidente a necessidade de reforma do esporte no país – bem como a reforma nos outros esportes olímpicos na mesma época. Portanto, a reforma do Sistema de Esporte de Elite nos anos 90 alterou profundamente os paradigmas envolvidos no futebol: foi criada uma liga profissional nos moldes das ligas ocidentais, tendo protagonismo do setor privado na administração dos times e papel importante na comercialização do futebol (WEI et al., 2010). A Associação Chinesa de Futebol (CFA, na sigla em inglês) também tinha seu papel na reforma proposta, em que, além de organizar a liga, procurou aprender técnicas de treinamento de técnicos e árbitros e de desenvolvimento das categorias de base em ligas europeias (HONG; ZHOUXIANG, 2013). A CFA continuou sendo controlada pelo PCC através do ministério do esporte, sendo um forte e relevante resquício do controle estatal em relação à liga.

A primeira temporada oficial da liga profissional foi disputada em 1994 e contava com três divisões: Primeira Divisão A, Primeira Divisão B e Segunda Divisão – a última dessas focada na promoção de jovens atletas chineses. Já em seu primeiro ano, a liga obteve grande sucesso de público e comercial: a Divisão A teve uma média de, aproximadamente, 20 mil pessoas e, através das rendas de bilheteria, propaganda, patrocínio, direitos televisivos e transferência de jogadores, a liga manteve autonomia financeira (HONG; ZHOUXIANG, 2013). Nos anos que se seguiram, o sucesso



financeiro da liga permitiu a CFA montar um fundo para financiamento do desenvolvimento de categorias de base, seja em investimentos em escolas específicos ou na construção de centros de treinamento para jovens e campos espalhados por diversas cidades.

Hong e Zhouxiang (2013) argumentam que a reforma obteve resultados positivos de popularidade do futebol na china: em 1992, os vinte clubes profissionais de futebol contavam com mil jogadores registrados, enquanto em 1998 já existiam 360 times profissionais e um total de trinta mil jogadores registrados. O crescimento dessa popularidade é muito relevante para a criação de identidade com o esporte – principalmente entre as crianças –, onde as políticas de desenvolvimento tenham cada vez menos a necessidade de serem impostas de cima para baixo, contra as preferências culturais da sociedade.

Porém, apesar dos bons resultados comerciais e de popularidade, a China continuou sendo coadjuvante nas competições internacionais: os times sub-23 não se classificaram para as Olimpíadas de 1996 e de 2000, enquanto os times principais não alcançaram as semifinais da Copa das Nações Asiáticas, em 1996, e não se classificaram para a Copa Mundial de 1998. A decepção dos fãs e a insatisfação dos líderes da CFA aumentavam e as limitações da liga na promoção e desenvolvimento do futebol chinês pareciam cada vez mais evidentes. Contestava-se o grande aumento salarial dos jogadores sem uma contrapartida no nível do futebol apresentado, além da falta de interesse dos times de promoverem e desenvolverem jovens jogadores, por entenderem que era mais fácil alcançar os objetivos na liga com os jogadores mais experientes.

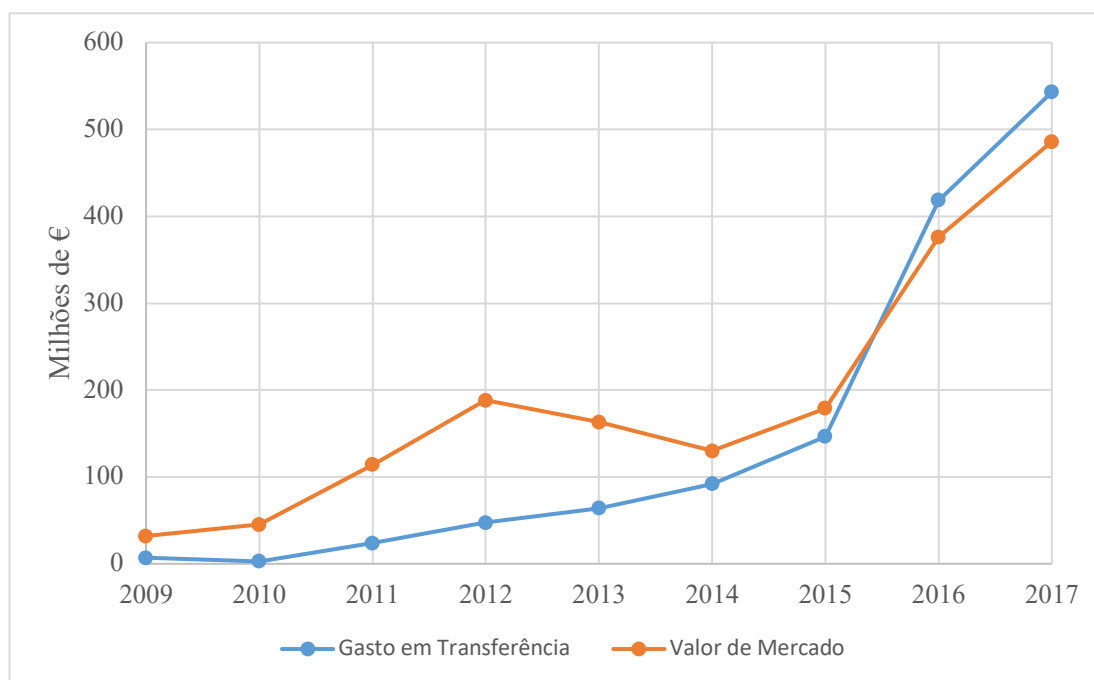
No final dos anos 90 surgiram denúncias mais graves sobre compra de resultados na liga chinesa, levando a conflitos entre a CFA e a opinião pública e à perda de credibilidade da liga, principalmente após aparente descaso da CFA e falta de punição proporcional. Em 2003, cerca de metade das partidas da liga tinham sua credibilidade questionada pelos espectadores, levando à sabotagem dos jogos por grande parte da torcida e conseqüente perda de valor de mercado da liga (HONG; ZHOUXIANG, 2013).

A partir de finais dos anos 2000 o cenário começou a mudar. A evolução do futebol na China tem seguido as linhas gerais do desenvolvimento econômico do país, embora esteja em um estágio menos competitivo se comparado a setores mais

essenciais como construção civil, manufaturas, serviços e tecnologia. Os principais fatores dessa evolução até agora foram: a escolha do futebol como esporte “estratégico” que merece atenção e controle especiais do governo com o combate à corrupção; a gerência, também por parte do governo, das principais ligas; a popularização do esporte com a criação de infraestrutura para as novas gerações; incentivos financeiros para que grandes empresas revertam parte de seus lucros em times de futebol; regras desportivas artificiais que limitem a quantidade de jogadores estrangeiros para fomentar talentos nacionais; e atração de recursos humanos e tecnologia de ponta do exterior via comércio (compra e venda de jogadores) e investimentos (compra de clubes estrangeiros e cooperação técnica). Conforme se verá adiante, esse processo ganhou força nos últimos dez anos e culminou no lançamento do “Plano de Desenvolvimento do Futebol a Médio e Longo Prazo”, em 2016. Vejamos como esses fatores se combinaram na última década.

Em 2004, a CFA decidiu reformular o regulamento da liga com decretos mais detalhados no combate à compra de resultados. A Divisão A passou a ser chamada de Super Liga Chinesa, na tentativa de reconquistar a confiança dos espectadores com as mudanças feitas. Porém, de fato nada mudou: os escândalos de corrupção persistiram, afastando os fãs e os investidores cada vez mais. Apenas em 2009 algumas ações contundentes contra os esquemas de corrupção começaram a ser tomadas – percepção pós Jogos de Pequim de que era necessária uma reforma no sistema corrupto que comandava o futebol chinês (GIULIANOTTI, 2015). Entre 2009 e 2011 foram presos participantes de grupos de aposta, inclusive o vice-presidente e associados da CFA, jogadores, árbitros, técnicos e dirigentes de clubes.

Apesar da desconfiança de boa parte dos fãs, as medidas punitivas do governo chinês foram suficientes para atrair investidores, fazendo com que a verba e o valor de mercado dos clubes voltassem a crescer e, conseqüentemente, os fãs voltassem a assistir a Super Liga Chinesa. Nos anos que se seguem, percebe-se o rápido e constante crescimento, tanto do valor de mercado, quanto das transferências realizadas por times da CSL, como apresenta o gráfico 6.

**Gráfico 6. Valor de Mercado e Investimento dos Clubes da SLC, 2009-2017.**

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do TransferMarket.

O pesado investimento em transferência de jogadores para a Super Liga Chinesa, na temporada 2016/2017, ultrapassou os 508 milhões de euros gastos pelos times da La Liga – uma das maiores ligas do mundo. Os empresários que detêm os direitos dos clubes passaram a contratar super astros das principais ligas europeias, atraindo-os com altos salários. O Shanghai SIPG, um dos maiores clubes da SLC, desembolsou cerca de 55 milhões de euros pelo atleta Hulk em 2016 e, em 2017, 60 milhões de euros pelo atleta Oscar – ambos disputaram a Copa do Mundo de 2014 pela seleção brasileira (TRANSFER MARKET, 2018). O caso do Guangzhou Evergrande também merece destaque: após ser comprado duas vezes (em 2010 por uma firma de construção e em 2014 ter metade de suas ações compradas pelo gigante Alibaba) o clube enfileirou sete títulos nacionais seguidos (2010 a 2017) e dois títulos da Liga dos Campeões da Ásia (2013 e 2015). Esses e outros casos de sucesso só foram possíveis porque a maior parte dos clubes tem sido adquirida e controlada por companhias chinesas que estão no limiar entre o setor público e o privado e, por conseguinte, gozam de incentivos fiscais do governo e se aproveitam da gradual desregulação do sistema financeiro chinês desde 2012 (YU, 2017, p. 61; SCHAERLAECKENS, 2016).

Outra prática recorrente é a atração de recursos humanos (jogadores, técnicos, preparadores físicos e administradores) de lugares com mais tradição no futebol, especialmente da Europa e da América do Sul. Segundo Kuper (2012, p. 418), experiência no futebol internacional é, juntamente com PIB per capita e tamanho da população, um elemento fundamental para que um país galgue degraus nesse esporte. Não por acaso, muitos jogadores em fim de carreira e técnicos que atuam no futebol europeu têm sido atraídos por clubes chineses, os quais fazem parcerias de treinamento e pré-temporada na Europa, arcando com vários custos em troca de *know-how* e tecnologia esportiva de ponta. Já na América do Sul, e especialmente no Brasil, o mercado chinês tem disputado jogadores jovens com os próprios clubes europeus. Assim, se a Europa promete mais exposição e campeonatos mais competitivos, os chineses têm conseguido competir, pelo menos, em termos de salários e estrutura de trabalho.

Porém, segundo Izzo e Belpassi (2018), a crescente dívida dos clubes chineses é um motivo de preocupação, já que se gasta como em grandes ligas europeias, mas se arrecada como em ligas menores. Com a preocupação de manter a sustentabilidade dos investimentos desses times, o governo chinês decretou, em 2016, que transferências de jogadores estrangeiros que ultrapassem 5,9 milhões de euros estão sujeitas a uma taxa de mesmo valor, ou seja, 100% da transferência. A medida começou a valer no princípio da temporada 2017/2018 e reduziu drasticamente as transferências totais – queda de 68% no valor das transferências realizadas, totalizando apenas 174 milhões de euros investidos pelos times da SLC. Apesar de muitos clubes terem encontrado brechas para fugir das novas regras (RICK, 2018), o montante arrecadado constitui um fundo de apoio ao desenvolvimento das categorias de base do futebol do país.

A política de taxa de transferência, além de ser um mecanismo de controle fiscal dos times, visa também a promoção das categorias de base chinesas e o desenvolvimento de jovens atletas. Destacam-se outras medidas impostas aos clubes da SLC pela CFA nesse mesmo sentido: existe um limite de cinco atletas estrangeiros por time, em que apenas três podem atuar simultaneamente; não são permitidos goleiros estrangeiros na SLC; a partir da temporada de 2017, a CFA impôs aos clubes que tenham ao menos um atleta sub-23 entre os titulares, e pretende-se ampliar esse



número, de modo que o número de atletas estrangeiros não ultrapasse o número de atletas sub-23 chineses nos elencos titulares.

Em abril de 2016, o governo chinês anunciou junto à Associação Chinesa de Futebol o lançamento do “Plano de Desenvolvimento do Futebol a Médio e Longo Prazo”. O plano consiste no desenvolvimento do futebol a nível *grassroot*, ou seja, a criação de uma cultura do futebol e o desenvolvimento de jovens atletas, focando, principalmente no desempenho futuro das equipes chinesas. O objetivo final é traduzido pelos “três sonhos da Copa”, do Secretário-Geral Xi Jinping: voltar a participar, sediar e ganhar uma Copa do Mundo até 2050.

O planejamento a médio prazo consiste na criação de uma vasta infraestrutura para a prática e aperfeiçoamento do esporte, junto ao ensino compulsório do esporte nas escolas: a ideia da CFA é que, até 2020, existam 20 mil escolas especializadas em futebol no país e 70 mil campos de futebol, de modo que hajam, pelo menos, 30 milhões de jovens que joguem com certa frequência o esporte. Portanto, até 2030 espera-se que a seleção masculina chinesa ganhe relevância continental, enquanto a seleção feminina protagonize no cenário mundial. Até 2050 espera-se que ambas as equipes façam parte da elite global do esporte.

Apesar do Plano de Desenvolvimento do Futebol ter suas metas intermediárias focadas nas categorias de base e do esporte de massa, é impossível dissociar esse planejamento com as estratégias adotadas na Super Liga Chinesa. Izzo e Belpassi (2018) destacam que o forte investimento em infraestrutura dos clubes, em aquisição de jogadores e técnicos, o melhor gerenciamento dos direitos televisivos da liga teriam papel importante no desenvolvimento do esporte no país. Leite Júnior e Rodrigues (2017) e Huan et al. (2017) falam sobre a posição favorável do governo chinês em relação ao setor privado nesse planejamento: enquanto o Estado age como promotor e indutor, criando instituições adequadas e agindo em favor do mercado, os agentes privados realizarão grande parte dos investimentos, principalmente no futebol profissional, mas também nas categorias de base.

Porém, esses investimentos devem estar subjugados ao desenvolvimento das categorias de base, sem que objetivos imediatos o sobreponham. E, até então, é o caminho que as ações da CFA parecem tomar: o controle do número de estrangeiros nos elencos chineses, o espaço dado aos jovens jogadores na SLC, a taxação e criação de um fundo de apoio ao esporte com o valor das transferências acima do teto



estipulado. Estas são medidas que estão em consonância com a criação de uma cultura do futebol, ao estimular tanto a prática quanto o espetáculo televisivo, sem abandonar o desenvolvimento dos jovens atletas.

Porém, o projeto de Xi não está imune a grandes desafios. Investir em esportes coletivos é proporcionalmente menos rentável em termos de custos e de medalhas olímpicas, uma vez que a fábrica de atletas individuais de alto nível ao estilo soviético de “soldier training” tende a trazer resultados de excelência em menor tempo. Já esportes coletivos como o futebol demandam uma estruturação piramidal de base mais ampla e de incentivo e treinamento para um número maior de atletas. Além disso, reservar mais horas para os estudos ou colocar um filho para treinar ginástica olímpica, tênis de mesa ou xadrez tende a ser visto com mais simpatia pelos pais do que colocá-lo para “chutar uma bola”. Portanto, essa guinada futebolística na China demandará, inclusive, uma mudança na percepção social sobre o esporte.

Outro movimento percebido a partir de 2015 é a aquisição total ou parcial de diversos clubes europeus por investidores chineses. Como destacam Izzo e Belpassi (2018), além de times europeus serem bem mais rentáveis que times chineses, esses investimentos estão quase sempre vinculados ao desenvolvimento do futebol chinês.

**Tabela 1. Relação dos times europeus com participação chinesa.**

Time	Participação	Valor (€)	Ano
Atlético de Madrid	20%	45 Milhões	2015
Espanyol	56%	17.8 Milhões	2015
City Football Group	13%	354 Milhões	2015
Granada	99%	45 Milhões	2016
Inter de Milão	70%	240 Milhões	2016
Birmingham City	60%	???	2016
Aston Villa	100%	88 Milhões	2016
Wolverhampton	100%	353 Milhões	2016
Hull City	100%	317 Milhões	2016
OGC Nice	85%	65 Milhões	2016
Milan	100%	740 Milhões	2017

Fonte: Adaptação a partir de Izzo e Belpassi (2018).



Alguns investimentos – como é o caso do Atlético de Madrid, na Espanha – tem como contrapartida a criação de centros de treinamento voltados para jogadores chineses em solo espanhol. Como estratégia de desenvolvimento, esse tipo de movimento pode se revelar muito eficaz, permitindo o intercâmbio e a construção de um *know-how* com os melhores profissionais do ramo no mundo.

Portanto, nota-se que a atuação da China no mercado global do futebol é semelhante à atuação de suas empresas em outras áreas porque há: i) incentivos financeiros do governo, especialmente para empresas que têm vínculos com o governo ou são formalmente estatais; ii) realização de parcerias com (ou aquisições de) grandes empresas de países desenvolvidos, isto é, com clubes europeus (absorção de *know-how*, tecnologia de treinamento e análise de dados ao estilo de “joint-ventures”); e iii) atração de recursos humanos (entenda-se matéria-prima) de primeira qualidade tanto da Europa quanto de países tipicamente exportadores de bons jogadores da América do Sul.

## **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO FUTEBOL NA CHINA**

Apesar de Xi Jinping ser um grande fã do futebol, a escolha pelo *boom* dos investimentos no esporte mais popular do mundo (GIULIANOTTI, 2012) não é arbitrária. O país, que pretende criar um mercado esportivo de US\$813 bilhões até 2025, vê no futebol a oportunidade perfeita de aliar o desenvolvimento de seu mercado esportivo com o crescimento de seu *soft power* e com sua nova estratégia de acumulação (NIELSEN SPORTS, 2016). O futebol representa cerca de 43% (ATKEARNEY, 2018) do *market-share* esportivo mundial e seu mercado movimenta anualmente entre R\$455 bilhões e R\$577 bilhões, sendo aproximadamente R\$110 bilhões (25,5 bilhões de euros) somente no mercado europeu (DELOITTE, 2018; O GLOBO, 2014).

Conforme visto anteriormente, a China, desde sua fase imperial, utilizou diversas vezes o *soft power* como ferramenta geopolítica, passando a utilizar frequentemente os esportes como instrumento de diplomacia após a Revolução Chinesa. Leite Júnior e Rodrigues (2017) afirmam que a estratégia de desenvolver o futebol chinês hoje possui, entre outros, o objetivo diplomático observado nas

experiências anteriores, podendo ser uma maneira do país se aproximar de parceiros comerciais.

Considerando também as proporções mundiais do futebol, os objetivos de sediar e ganhar uma Copa do Mundo podem ser uma grande oportunidade para reafirmar a posição chinesa de potência global, especialmente na Ásia, além de atrair novamente atenção de parceiros comerciais, investidores estrangeiros, turistas e outros consumidores (GIULIANOTTI, 2015). Os objetivos almejados no Plano de Desenvolvimento do Futebol podem ser entendidos, portanto, como parte de uma estratégia para elevar o *soft power* chinês (BBC BRASIL, 2017; LEITE JÚNIOR E RODRIGUES, 2017).

Além disso, o aumento dos investimentos no futebol chinês é muito coerente com a nova estratégia de acumulação chinesa. Sob a perspectiva da cadeia global de valor, o desenvolvimento do futebol nacional é capaz de amplificar atividades e serviços que adicionam mais valor à produção, como o marketing, os direitos televisivos e a formação de capital humano (ZHANG, 2014). Muitos dos times da SLC estão ligados a empresas produtivas chinesas, o que reforça ainda mais a importância do futebol como atividade estratégica dessas empresas, ao tentar buscar a valorização de suas marcas e atividades ligadas ao marketing (YU et al, 2017). Nesse sentido, é importante que os clubes chineses se tornem potências mundiais do futebol, criando uma liga com relevância nacional e internacional, se inserindo em competições continentais, amplificando cada vez mais o potencial mercadológico do futebol chinês, de modo que permita alcançar posições cada vez mais favoráveis nas CGV.

Apesar de o crescimento da renda per capita e a maior importância dada ao consumo doméstico não serem fatores determinantes para o sucesso do futebol chinês – já que essa tendência foi iniciada nos anos 90 (HONG; ZHOUXIANG, 2013) –, esses são fatores que criaram um cenário favorável para tal. Para que haja rentabilidade dos investimentos feitos no futebol nacional, é preciso que seja fomentada uma cultura do esporte, em que a população demande produtos e serviços ligados ao futebol – que pode ser considerado um bem de luxo por ser um serviço totalmente secundário à sobrevivência. Ou seja, é necessário que os chineses tenham interesse e capacidade financeira para frequentar os jogos, comprar os produtos



associados ao futebol, criando uma demanda para toda a oferta gerada com os investimentos.

Por sua vez, a compra de times estrangeiros – principalmente europeus – também é coerente com a “nova normal”. Devido à desaceleração do crescimento do PIB nos últimos anos, as empresas e investidores chineses estão em busca de novas fontes de renda, “sobretudo no setor de serviços, tecnologia e inovação – [e] a bilionária indústria do esporte tem no futebol seu mercado mais bem-sucedido e um pouco de cada um desses elementos” (BBC BRASIL, 2017). Portanto, além de a compra de times de outras ligas possibilitar o intercâmbio e a construção de um *know-how* com os melhores profissionais do ramo, os times europeus possuem uma rentabilidade muito maior que os times chineses, o que os torna uma alternativa financeira para essa nova fase da economia chinesa.

A justificada empreitada chinesa em direção do desenvolvimento do seu futebol, porém, não se trata de uma tarefa trivial. Superar a hegemonia histórica de nações europeias e sul-americanas é algo que vai além do investimento e do planejamento: é de suma importância a criação de uma cultura do futebol em que o esporte não seja apenas um fardo, mas um objetivo coletivo e nacional.

A experiência paradoxal de outras nações, que obtiveram sucesso apesar de claras limitações – financeiras, populacional e, até mesmo, históricas –, bem como o fracasso de países com excelentes centros de treinamento e com ligas de altíssimo investimento, reforçam a não trivialidade do sucesso futebolístico. E nesse ponto, o futebol pode se diferenciar consideravelmente de outros esportes olímpicos, já que o caminho mais trivial do desenvolvimento a partir do planejamento e financiamento de um sistema de esporte de elite é percorrido até pelas nações hegemônicas em cada modalidade. O caminho de maior sucesso, não só no futebol, mas em diversos outros esportes coletivos como o basquete e o vôlei, é o desenvolvimento do esporte de massa, a partir da criação ou do fortalecimento de uma cultura daquele esporte, como é o basquete nos Estados Unidos ou o futebol no Brasil e em outros países.

Conforme defendem Hong e Zhouxiang (2013), apesar do relativo fracasso da criação de uma liga nos anos 90 e 2000 devido a corrupção, a baixa qualidade e falta de mecanismos eficazes na promoção de jovens atletas na China, esse período proporcionou um crescimento da popularidade do futebol no país. Fãs começaram a discutir sobre o futebol nacional e, em algumas cidades, a presença em estádios se

tornou um hábito para os fãs mais assíduos. Porém, Huan et al. (2017), partindo de um estudo empírico, constata que ainda há uma grande resistência de crianças chinesas na prática do futebol – apesar do esporte receber cada vez mais atenção no sistema educacional –, principalmente por acharem chato ou muito profissional.

Outro desafio é a dificuldade de criação de identidade clubística diante de constantes mudanças de donos, nomes, patrocinadores e até de cidades. Porém, tais obstáculos tornam-se oportunidades aos olhos de dirigentes e políticos locais e provinciais, que veem na mobilização de massa em torno do esporte uma forma de galgar espaço para si no Partido Comunista Chinês e diluir no estádio possíveis insatisfações sociais em relação ao poder público e à redução do crescimento econômico.

Apresenta-se, então, um *trade off*: ao passo que o pesado investimento nos times da SLC é importante para popularização do futebol, tendo uma liga de qualidade que promova entretenimento e que possa competir com as ligas europeias, esse investimento pode subjugar o desenvolvimento e a promoção dos atletas chineses – etapa necessária no Plano de Desenvolvimento do Futebol. É necessário, portanto, que a CFA regule de forma a atender os objetivos dos investimentos na Liga, sem que haja desequilíbrios no planejamento de médio e longo prazo. E assim a Associação tem feito, promovendo políticas de proteção aos jogadores chineses frente aos estrangeiros e de favorecimento para jogadores sub-23 atuarem na SLC.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar dos desafios que se colocam ao Plano de Desenvolvimento do Futebol, a coordenação parece estar no caminho certo. O esporte tem se popularizado, grandes estrelas internacionais têm atuado lado a lado com jogadores chineses e clubes como o Guangzhou Evergrande têm tido certa projeção na Ásia. Por seguir as linhas gerais do novo regime de acumulação e da subida da China nas CGV, o ramo do futebol tem prosperado, mas as tensões entre iniciativa privada e Estado estão latentes e o país ainda está muito longe de se tornar uma referência de *soft power* no futebol.

O plano chinês de tornar-se uma potência olímpica soaria como piada nos anos 1950 – e levou cerca de meio século para ser realizado. Embora o sonho de Xi Jinping

de fazer da China uma referência mundial no futebol e conquistar uma Copa do Mundo soe como piada para ouvidos europeus e sul-americanos, quando um tema se torna prioridade na agenda do governo chinês, é sensato aguardar o desenrolar dos fatos com paciência chinesa antes de tratá-lo com desdém.

## REFERÊNCIAS

AGLIETTA, Michel et al. *China's 13th Five-Year Plan. In Pursuit of a "Moderately Prosperous Society"*. CEPII Research Center, 2016. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/cii/cepipb/2016-12.html>. Data de acesso: 23/07/2018.

ALLISON, Lincoln; MONNINGTON, Terry. *Sport, prestige and international relations. Government and Opposition*, v. 37, n. 1, p. 106-134, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/1477-7053.00089>. Data de acesso: 23/07/2018.

ATKEARNEY – *The Sports Market*. 2018. Disponível em: <https://www.atkearney.com/documents/10192/6f46b880-f8d1-4909-9960-cc605bb1ff34>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BBC BRASIL. *Por que a China está investindo bilhões para se tornar uma potência global do futebol?* 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38618188>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

CHA, Victor. Role of sport in international relations: National rebirth and renewal. *Asian Economic Policy Review*, v. 11, n. 1, p. 139-155, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/aep.12127>. Acesso em: 29 mai. 2018.

CHANG, Gene H. The cause and cure of China's widening income disparity. *China Economic Review*, v. 13, n. 4, p. 335-340, 2002. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/eee/chieco/v13y2002i4p335-340.html> Acesso em: 29 mai. 2018.

CHINA DAILY. *New normal in economic development*. 2017. Disponível em: [http://www.chinadaily.com.cn/china/19thcpcnationalcongress/2017-10/05/content\\_32869258\\_2.htm](http://www.chinadaily.com.cn/china/19thcpcnationalcongress/2017-10/05/content_32869258_2.htm)>. Acesso em: 11 jun. 2018.

CINTRA, Marcos Antonio; PINTO, Eduardo Costa. Changes in China: transition and development strategies. *Revista de Economia Política*, v. 37, n. 2, p. 381-400, 2017.

DELOITTE – *Annual Review of Football Finance*. 2018. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/uk/Documents/sports-business-group/deloitte-uk-sbg-annual-review-of-football-finance-2018.PDF>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

DING, Sheng; SAUNDERS, Robert A. Talking up China: An analysis of China's rising cultural power and global promotion of the Chinese language. *East Asia*, v. 23, n. 2, p. 3-33, 2006.

DUARTE, Paulo. Soft China: o caráter evolutivo da estratégia de charme chinesa. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 501-529, Dec. 2012. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292012000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292012000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292012000200005>.

DURNIN, Matt. *China's Football Market: Development From Grass Roots To Elite Level*. 2017. Disponível em: [https://www.events.trade.gov.uk/media/viewer/uploads/pdf/ekp\\_file\\_0\\_1\\_2\\_matt\\_durnin\\_thursday\\_day-13\\_week3-ibf2016\\_1467800418.pdf](https://www.events.trade.gov.uk/media/viewer/uploads/pdf/ekp_file_0_1_2_matt_durnin_thursday_day-13_week3-ibf2016_1467800418.pdf). Acesso em: 27 mai. 2018.

NOGUEIRA, Isabela; GUIMARÃES, João Victor; BRAGA, João Pedro. Inequalities and Capital Accumulation In China. *Centro de Estudos sobre Desigualdade & Desenvolvimento*, v. 140. 2018a.

NOGUEIRA, Isabela; BACIL, Fabianna; GUIMARÃES, João Victor. Towards a Welfare State in China? An analysis based on the health and the educational systems. *Centro de Estudos sobre Desigualdade & Desenvolvimento*, v. 141. 2018b.

GIULIANOTTI, Richard. The Beijing 2008 Olympics: Examining the interrelations of China, globalization, and soft power. *European Review*, v. 23, n. 2, p. 286-296, 2015.

GIULIANOTTI, Richard. *Football*. John Wiley & Sons, Ltd, 2012.

GUSTAFSSON, Björn; SHI, Li; SATO, Hiroshi. Data for studying earnings, the distribution of household income and poverty in China. *China Economic Review*, v. 30, p. 419-431, 2014.

HIRATUKA, Celio. Mudanças na estratégia chinesa de desenvolvimento no período pós-crise global e impactos sobre a AL. 2018. Disponível em: [www.eco.unicamp.br](http://www.eco.unicamp.br). Acesso em: 23/07/2018.

HOBBSAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. *Rio de Janeiro: Paz e terra*, v. 1990, 1990.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. China's sports policy and politics in the post-Beijing Olympics era. *International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 184-189, 2012a.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. From Barcelona to Athens (1992-2004): "Juguo Tizhi" and China's quest for global power and Olympic glory. *The International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 113-131, 2012b.



HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. Sports and politics in the 1980s: The Olympic strategy. *The International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 74-97, 2012c.

HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. The Professionalisation and Commercialisation of Football in China (1993–2013). *The International Journal of the History of Sport*, v. 30, n. 14, p. 1637-1654, 2013.

HUAN, Chen; RUI, Zhu; YIFENG, Guo. *The Path of Football Culture construction in Jiang Xi Independent College*. 2017. Disponível em: [https://webofproceedings.org/proceedings\\_series/article/artId/172.html](https://webofproceedings.org/proceedings_series/article/artId/172.html). Acesso em: 23/07/2018.

IZZO, Riccardo; Belpassi, Enea. China the new continent of football: Economic, financial and social evolution. *Risk*, v. 178, p. 2016, 2018.

KANG, David C. *East Asia before the West: five centuries of trade and tribute*. Nova York: Columbia University Press, 2010.

KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan. *Soccernomics. Why transfers fail, why Spain rules the world and other curious football phenomena explained*. Londres: HarperSport, 2012.

LARDY, Nicholas R. China: Toward a consumption-driven growth path. In: *Seeking Changes: The Economic Development in Contemporary China*. p. 85-111. 2016.

LEITE JÚNIOR, E.F.; RODRIGUES, Carlos. The Chinese football development plan: soft power and national identity. *HOLOS*, v. 33, n. 5, p. 114-124, 2017.

MEDEIROS, Carlos Aguiar De; CINTRA, Maria Rita Vital Paganini. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. *Revista de Economia Política*, v. 35, n. 1, p. 28-42, 2015.

NIELSEN SPORTS – *China and Football: World Sport's Newest Superpower*. 2016. Disponível em: <<http://niensensports.com/wp-content/uploads/2014/12/2016-Nielsen-Sports-China-and-Football.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

NOGUEIRA, Isabela. Cadeias produtivas globais e agregação de valor: a posição da China na indústria eletroeletrônica de consumo. *Revista Tempo do Mundo*, Brasília: Ipea, v. 4, n. 3, p. 5-46, dez. 2012.

NOGUEIRA, Isabela. *Desenvolvimento econômico, distribuição de renda e pobreza na China contemporânea*. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, mar. 2011.

NYE, Joseph S. China and soft power. *South African Journal of International Affairs*, v. 19 n. 2, p. 151–155. 2012.

NYE, Joseph S. The rise of China's soft power. *Wall Street Journal Asia*, v. 29, p. 6-8, 2005.





NYE, Joseph S. *Soft power: The means to success in world politics*. Nova York: Public Affairs, 2004.

O GLOBO – *Brasil movimentada apenas 2% do mercado da bola*. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-movimentada-2-do-mercado-da-bola-13026765>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PLUNKETT RESEARCH. *Plunkett Research Sports Industry*. Disponível em: <<https://www.plunkettresearch.com/statistics/sports-industry/>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

RICK, August. *As FIFA Warns Spain Over State Interference, Why Does Chinese Soccer Get A Pass?* Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/augustrick/2018/02/12/why-fifa-gives-chinas-government-a-free-pass-to-meddle-in-professional-soccer/#114745be4310>. Acesso em: 12/07/2018.

SCHAERLAECKENS, Leander. *Chinese Super League clubs went on a spending spree in January. Is this just a fad, or is there a new big money league in the game?*. Disponível em: [https://sports.vice.com/en\\_us/article/d7mvyq/the-economic-and-cultural-fuel-behind-chinas-soccer-investment](https://sports.vice.com/en_us/article/d7mvyq/the-economic-and-cultural-fuel-behind-chinas-soccer-investment) Acesso em: 29/06/2018.

SILVA, Magno Klein. China, uma potência regional: análise da atuação chinesa no leste asiático. *Colombia Internacional*, n. 92, p. 157-187, 2017.

SPENCE, Jonathan D. *Em busca da China moderna: quatro séculos de história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TRANSFER MARKET. Dados disponíveis em: <https://www.transfermarkt.pt/>. Acesso em: 29/06/2018.

TELSETH, Frode; HALLDORSSON, Vidar. The success culture of Nordic football: the cases of the national men's teams of Norway in the 1990s and Iceland in the 2010s. *Sport in Society*, p. 1-15, 2017.

VAN HILVOORDE, Ivo; ELLING, Agnes; STOKVIS, Ruud. How to influence national pride? The Olympic medal index as a unifying narrative. *International review for the sociology of sport*, v. 45, n. 1, p. 87-102, 2010.

WEI, Fan; HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. Chinese state sports policy: Pre-and post-Beijing 2008. *The International Journal of the History of Sport*, v. 27, n. 14-15, p. 2380-2402, 2010.

WORLD BANK. GDP growth (annual %). 2018. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?locations=CN>> Acesso em: 29/06/2018.



XIE, Yu; ZHOU, Xiang. Income inequality in today's China. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 111, n. 19, p. 6928-6933, 2014.

XINHUA. China sets up pragmatic plan for football development. 2016. Disponível em: <[http://www.xinhuanet.com/english/2016-04/12/c\\_135271553.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2016-04/12/c_135271553.htm)> Acesso em: 29/06/2018.

YU, Lin et al. The transition game: Toward a cultural economy of football in post-socialist China. *International Review for the Sociology of Sport*, 2017.

YU, Fu. Tapping the Potential of Sports: Incentives in China's Reformation of the Sports Industry. *CMC Senior Theses*. 1609. [http://scholarship.claremont.edu/cmc\\_theses/1609](http://scholarship.claremont.edu/cmc_theses/1609). 2017.

ZHANG, Liping; SCHIMANSKI, Silvana. Cadeias Globais de Valor e os países em desenvolvimento. *Boletim de Economia e Política Internacional* nº 18, Setembro/Dezembro, Ipea, 2014.

**Recebido em 10/08/2018**

**Aprovado em 06/02/2019**